

Por onde andas, Rodrigo?

Eu entendo as razões mais fundas que te levaram a escrever o que escreveste na 'TV Mais' sobre mim, a propósito da polémica sobre o livro de Manuel Maria Carrilho. Também percebo a necessidade que tiveste de distorcer as minhas declarações para melhor afirmares o teu apoio, por inteiro, a Ricardo Costa. São razões da vida e não tenho sequer a pretensão de as esmiuçar por inúmeras razões, entre as quais, a mais importante, é a que decorre do facto de guardar de ti a imagem de um grande profissional e de um bom homem que não fica sequer abalada por este tropeção

de louvaminha ao teu Director. O mais importante impulso que me leva a responder-te prende-se com uma afirmação falsa, demagógica e eticamente reprovável quando colocas na minha boca coisas que eu não disse nem antes, nem depois, nem durante o debate do 'Prós e Contras'. Vamos aos factos.

Eu nunca disse nem insinuei, de forma directa ou indirecta, que a "redacção da SIC era um depositário de corruptos e vendidos". Eu compreendo o alcance desta enorme mentira, que é, nem mais nem menos, colocar a redacção da SIC contra mim e favorecer a criação de um espírito de corpo em redor do incompetente Director Ricardo Costa, que pode até ser por ti defendido sem recurso a uma calúnia.

Ainda hoje, uma boa parte dos jornalistas da SIC foram por mim escolhidos e contratados. Não estou nada arrependido por o ter feito, começando por ti e acabando no Ricardo Costa (era um bom jornalista, transformou-se num Director incapaz). Tenho, em geral, a maior consideração por todos, sobretudo por aqueles que mantêm a coluna vertebral direita, apesar dos tempos difíceis. Nada me move contra a SIC e muito menos contra a redacção da SIC. A única coisa que não é expectável é uma atitude autista, acrílica ou colaboracionista com procedimentos incorrectos, inadequados ou violadores de códigos profissionais. Com a frontalidade que é habitual sempre levantei e conti-



**E é por isso,
Rodrigo, que tu
perdeste uma boa
oportunidade de estares
calado, ao tentares
vergastar-me (...)**

nuarei a levantar a voz contra essas práticas. Porque, meu caro Rodrigo, eu não tenho telhados de vidro. O meu percurso como jornalista de base e repórter mais premiado do jornalismo português, director da TSE, que criei e recriei numa linha de actividade jornalística sem mácula, director de Informação da SIC e criador da SIC Notícias num ambiente de grande rigor, respeito pelas normas profissionais e exercício jornalístico ímpoluto falam do meu carácter, do meu profissionalismo, do meu comprometimento com um jornalismo sério e verdadeiro. Cometi certamente

erros, mas não andei metido em mixórdias publicitárias à mistura com jornalismo, não me envolvi com agências de comunicação nem fiz fretes políticos a ninguém. E é por isso, Rodrigo, que tu perdeste uma boa oportunidade de estares calado, ao tentares vergastar-me, com ar compungido, por eu defender o que sempre defendi, o bom jornalismo, e por estar ao lado de Carrilho quando ele se queixa do mau jornalismo, de que, inexplicavelmente, não te dá conta. A tua crónica não traz uma só palavra ou condenação das agências de comunicação perversas (também as há sérias) que o teu Director defendeu com enorme pundonor. Não te rebelas com o facto de existirem cadernos de encargos que estabelecem inserções de notícias e entrevistas, nos jornais, nas rádios e nos espaços informativos das televisões. Não te insurges contra a circunstância de mais de 70% das notícias publicadas pelos meios de Comunicação Social terem sido produzidas nas agências e nos gabinetes de Imprensa. Não te incomoda ver o Nuno Rogeiro na SIC Notícias num espectáculo deprimente a 'malhar' no Carrilho mas sem ter lido o livro, deixando ver bem que estava a cumprir uma missão 'nobre'. Não te preocupa a constatação de que hoje grande parte das notícias são publicadas sem confirmação nem audição da parte contrária. Não te assustam os assassinatos de carácter que se continuam a praticar. Por onde andas, Rodrigo?